

RESSALVA

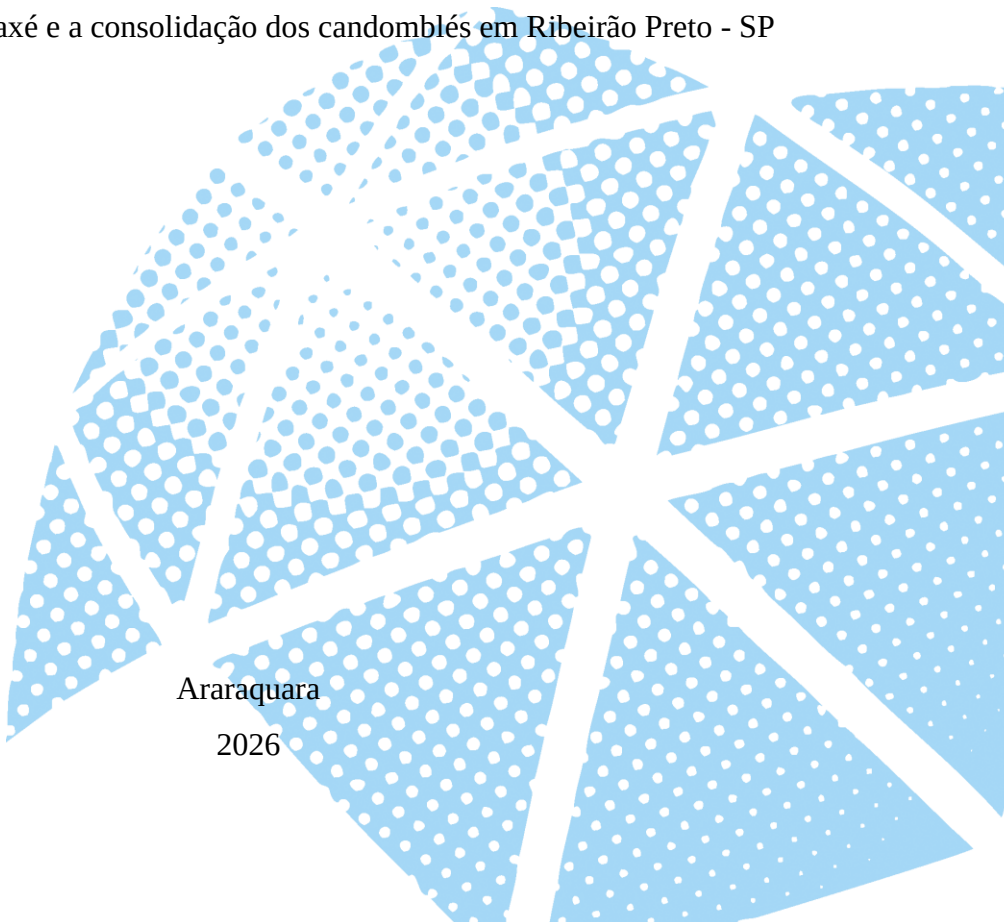
Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 02/07/2028.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara

RONAN DA SILVA PARREIRA GAIA

O TRANÇAR DOS CAMINHOS:
contra-geografias do axé e a consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP

Araraquara
2026



RONAN DA SILVA PARREIRA GAIA

O TRANÇAR DOS CAMINHOS:

contra-geografias do axé e a consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Diversidade, Identidades e Direitos

Orientador: Prof. Dr. Paride Bollettin

Coorientador: Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca

Araraquara

2026

G137t

Gaia, Ronan da Silva Parreira

O trançar dos caminhos : contra-geografias do axé e a consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP / Ronan da Silva Parreira

Gaia. -- Araraquara, 2026

180 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Paride Bollettin

Coorientador: Dagoberto José Fonseca

1. candomblé. 2. escrevivência. 3. contra-geografias do axé. 4.
memória. 5. Ribeirão Preto. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa atua nas duas frentes: combate o racismo religioso ao visibilizar e legitimar as contra-geografias do axé em Ribeirão Preto, e fortalece os saberes emancipatórios dos candomblés. Ela resgata a memória, preserva o patrimônio material e imaterial e reconhece os terreiros como espaços fundamentais de resistência e de produção de conhecimento.

ÌPADÀBỌ RERE TI ÌWÁDÌÍ YÌÍ

Ìwádìí yìí ṣiṣẹ́ lórí ọ̀nà méjèèjì: ó gba tùtorí kíkòsílẹ̀ ẹ̀tanú ẹ̀sìn nípa mímu kí àwọn ilẹ̀ àti ọ̀nà àṣẹ ní Ribeirão Preto hàn gbangba àti níbámu pẹ̀lú ọ̀fin, ó sì tún fún àwọn ìmọ̀ ọ̀mìnira ti candomblé lókun. Ó tún ranti àwọn itàn àtíjọ̀, ó dáàbò bọ̀ àwọn ohun-ìní tí tí lélé àti àwọn àṣà àti-wá-bá-wá, ó sì tún mọ̀ àwọn ilẹ̀ (terreiros) gégé bí àwọn ààyè pàtàkì fún àtakò àti fún pípèsè ìmọ̀.

IMPATTO POTENZIALE DI QUESTA RICERCA

La ricerca agisce su entrambi i fronti: combatte il razzismo religioso rendendo visibili e legittimando le contro-geografie dell'axé a Ribeirão Preto, e rafforza i saperi emancipatori dei candomblé. Essa riscatta la memoria, preserva il patrimonio materiale e immateriale e riconosce i *terreiros* come spazi fondamentali di resistenza e di produzione di conoscenza.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research operates on both fronts: it combats religious racism by making visible and legitimizing the counter-geographies of axé in Ribeirão Preto, and it strengthens the emancipatory knowledges of candomblés. It reclaims memory, preserves material and immaterial heritage, and recognizes terreiros as fundamental spaces of resistance and knowledge production.

RONAN DA SILVA PARREIRA GAIA

O TRANÇAR DOS CAMINHOS:

contra-geografias do axé e a consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Diversidade, Identidades e Direitos

Data da defesa: 02/07/2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paride Bollettin
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - campus de Araraquara
MU - Department of Anthropology - Brno

Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo
UNILAB – Instituto de Humanidades – campus de Redenção
UFC-UNILAB – Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UECE – Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades

Profa. Dra. Danubia Cristina de Paula
Instituto Ânima

Profa. Dra. Mariana Luísa da Costa Lage
UFJF – Departamento de Administração – campus de Governador Valadares

Prof. Dr. Leonardo Vieira Silva
UFF – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Esta tese é dedicada à memória da minha avó, Odete Luiza da Silva, que lutou a vida toda contra o racismo e nos foi tirada, precocemente, pelas falhas de um sistema marcado pelo preconceito e pelo etarismo. A senhora não pôde realizar o sonho de me ver doutor em vida, mas esta conquista é a resposta de quem resiste para honrar a sua história. Sinto muita saudade, vó! *Saluba!*

A *Òsàlúfón*, senhor dos meus caminhos, pela clareza de espírito e pela paciência milenar, que me permitiram transmutar a dúvida em busca do conhecimento e o caos em método, ensinando-me que a sabedoria floresce no silêncio e que, por vezes, ele é a nossa maior estratégia.

A *Sàngó*, pela determinação férrea e pelo fogo que impulsionou a escrita da história dos meus. Agradeço pela autoridade conferida à minha voz e pelo rigor de seu machado, que me permitiram honrar, com retidão e justiça, a memória e impulsionaram o legado do meu povo.

À minha ancestralidade, que caminhou ao meu lado quando os pés pareceram cansados e a mente buscou repouso. Este título é a materialização de um sonho coletivo.

Epa Bàbá! Kaô Kabiesilé!

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de uma caminhada coletiva, sustentada pelo axé, pelo afeto e pelo rigor acadêmico. Em uma tese que se debruça sobre a memória, não seria possível deixar de agradecer, primeiramente, a Oxalá, meu orixá, por guiar meus caminhos e permitir que esta pesquisa fosse conduzida com serenidade e respeito ao sagrado. À memória da minha avó, Odete Luiza da Silva, dedico cada linha deste esforço; sua luta e resistência contra o racismo são os alicerces que sustentam este neto doutor, transformando sua ancestralidade em força motriz para esta conquista.

Aos meus irmãos, Renato Gaia (*Odeṣoḷokemi*) e Gabriel Silva (*Ògúntorobé*), agradeço pela parceria constante e por partilharem comigo as tramas da vida; a vocês, registro que transformei a fome em tese – antes, fome que gerava fraqueza em nossos corpos; hoje, fome de transpor e trançar ciência com humanidade. Aos meus filhos e filhas do *Ilé Àse Opo Adélékè Osàlufón*, meu agradecimento mais profundo por serem a extensão viva do meu axé e a razão pela qual buscamos, diariamente, a continuidade dos nossos fundamentos e a proteção do nosso chão sagrado. Nesse sentido, agradeço imensamente aos abians, João Pedro Ferreira (Pedrinho) e Ana Luiza Alves Pereira, pelo apoio fundamental durante as entrevistas, pela disponibilidade em cada viagem e pelos registros fotográficos incríveis que eternizaram este percurso.

Manifesto, com carinho, minha gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Paride Bollettin, pelo acompanhamento atento e por permitir o trançar desta pesquisa, e ao meu coorientador, Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, cujas interlocuções foram fundamentais para o amadurecimento deste debate, mesmo antes do meu ingresso no PPG. Agradeço, com especial atenção, ao *Bàbá* Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo (*Bàbá Odé Onisojì*) – que me acompanha e me motiva desde o meu ingresso no mestrado – e à Profa. Dra. Danubia Cristina de Paula, pelas valiosas contribuições e pelos olhares generosos durante o meu Exame de Qualificação, momento crucial para o refinamento desta tese. Estendo meus agradecimentos também ao *Bàbá* Prof. Dr. Leonardo Vieira Silva e à Profa. Dra. Mariana Luísa da Costa Lage (*Iwingbemi*), pela leitura atenta e pelas ricas contribuições na banca de defesa.

Meus profundos agradecimentos ao Prof. Denilson José Olúwáfemi e à equipe do MAGUMA - Centro de Idiomas Mário Gusmão, em Salvador/BA, pela acolhida e pelo valioso suporte técnico na tradução do resumo para o iorubá. Esta tese ganha ainda mais sentido graças à colaboração de vocês. Como bem expressou o próprio Prof. Denilson: “Que Orixá possa nos honrar com sabedoria e confiança”.

À Thais Peterossi Candido, Wanessa Yano, Profa. Ma. Alice Vitória, Mametu Profa. Carla Carlos Oliveira de Almeida – Carlinha (*Mametu Ofatemi*) e Prof. Me. Ariel Roque, deixo meu carinho e gratidão pelas trocas, parcerias e pelo apoio mútuo nas encruzilhadas da vida. Este trabalho também não existiria sem a generosidade dos participantes desta tese: Pai Oba Minan, Mãe Neide, Pai Galetti e Mãe Dalva – lideranças e guardiões da memória do axé em Ribeirão Preto – que abriram as portas de seus terreiros para que pudéssemos narrar estas contra-geografias do axé.

Por fim, agradeço à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, pela excelência da formação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos que, de perto ou de longe, ajudaram a manter firme o mastro da nossa resistência: meu muito obrigado!

A memória são conteúdos de conteúdos, um continente da sua vida, da sua história do seu passado.

Como se o corpo fosse o documento.

Não é à toa que a dança para o negro é um momento de libertação.

O homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativeiro, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo.

(Beatriz Nascimento, *Ôri*).

Viver é ter a opção de crescer profissionalmente e intelectualmente, de não ser metralhado pela polícia, de não ser torturado num sistema prisional puramente vingativo.

Enquanto não pudermos impedir o genocídio, o racismo, a alienação, o aprisionamento em massa, a pobreza extrema e a anulação social, não passaremos de cadáveres que respiram.

Meus pêssames para todos nós, que vegetamos no necrotério dos vivos.

(Eduardo Taddeo, *Estamos Mortos*)

RESUMO

GAIA, R. S. P. **O trançar dos caminhos:** contra-geografias do axé e a consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP. 2026. 180 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2026.

Nesta tese, investigo o processo de implementação e consolidação dos candomblés em Ribeirão Preto - SP, analisando como as comunidades de terreiro estabeleceram contra-geografias do axé em um território marcado pela hegemonia do agronegócio e do conservadorismo. A pesquisa fundamenta-se na premissa de que o terreiro subverte a lógica urbana colonial, transformando o espaço físico em território político de reexistência. Utilizo a *escrevivência* (EVARISTO, 2007) como categoria central e posicionamento ético, fundindo a minha trajetória como iniciado e pesquisador à memória das nações Ketu, Angola e Jeje. Nessa perspectiva, a *escrevivência* é o que permite conceber o corpo como território de saber, onde a experiência vivida e o rito se tornam fontes legítimas de produção científica, rompendo com o distanciamento neutro da academia tradicional. A fundamentação metodológica assenta no que denomino *trançar de ferro*, um método encantado que opera sob as regências de *Ògún* (o rigor da técnica e da forja) e *Òṣùmàrè* (a sinuosidade e transmutação do saber). Esse método permite desconstruir narrativas eurocêntricas e evidenciar o fundamento religioso como tecnologia de conhecimento, operando uma justiça epistêmica necessária às Ciências Sociais. No cerne da investigação, destaco as lideranças que territorializaram o sagrado na região: Pai Oba Minan, que em 1973 fundou a primeira casa de candomblé Ketu em Ribeirão Preto, instituindo o marco zero desta geografia; Mãe Neide, matriarca da nação Jeje e articuladora política essencial; Pai Galetti, figura central da matriz Bantu-Angola; e Mãe Dalva, cuja senioridade e presença são pilares da rede de sustentação das tradições de matriz africana. Organizo a estrutura da tese em quatro capítulos: o primeiro estabelece o nascimento da pesquisa através da *escrevivência*, reafirmando o corpo como lugar de inscrição da ancestralidade; o segundo discute as disputas de poder na documentação da memória e o direito à narrativa sobre o sagrado; o terceiro detalha as trajetórias biográficas das lideranças e a fixação das raízes em solo ribeirão-pretano; e, o quarto analisa a autonomia técnica e a diplomacia entre as nações. Nas considerações finais, intituladas “Do *pàdé* ao *ìgbín*”, concluo que o candomblé local conquistou uma independência de fundamento. O movimento do *pàdé* (abertura) ao *ìgbín* (assentamento e lenticidade fértil) demonstra que a memória e o corpo transmutado pelo rito consolidaram Ribeirão Preto como um centro autônomo de resistência contra o racismo religioso.

Palavras-chave: candomblé; *escrevivência*; contra-geografias do axé; memória; Ribeirão Preto.

ÀKÓŚOWÓ

GAIA, R. S. P. **Ìwópò Àwọn Ọ̀nà: Àwọn Ọ̀dì-Jiógírafí Àṣẹ àti Ìfilólẹ̀ àwọn candomblé ní Ribeirão Preto - SP.** 2026. 180 p. Ìwé Ìwádíí Ikúńgbá (Doutorado ní Imò Sáyẹ̀nsì Àwùjọ) – Olùbáṣepò Imò Sáyẹ̀nsì àti Lètà, Yunifásítì Ìpínlẹ̀ São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2026.

Nínú ìwé ìwádíí ikúńgbá yí, mo ṣe ìwádíí lórí ìlànà ìmúṣẹ̀ àti ìfilólẹ̀ èsìn àwọn Candomblé ní Ribeirão Preto - SP. Mo tún ṣàṣàwò bí àwọn ará ilé-ẹgbé ẹ̀mpilì (tẹ̀npilì/ilẹ̀-ẹgbé) ṣe gbé àwọn ọ̀dì-jíogírafí àṣẹ kalẹ̀ nínú agbègbè kan tí ó kún fún agbára eto-ògbìn-ajé àti ihùwà-ìbílẹ̀ dídúróṣinṣin. Ìwádíí yí dá lórí èrò pé ilé-ẹgbé (terreiro) n yí ètò ilú tí ó tẹ̀lé àṣà amúnisìn padà, nípa yíyí àyè tí ara padà sí agbègbè ọ̀sẹ̀lú tí ìmúpadà-sí-báyé (reexistência). Mo lo “escrivência” (EVARISTO, 2007) gégé bí ẹ̀ka pàtàkì àti ipò iwà rere, nípa dídàpò ìrìn- àjò mi gégé bí ẹ̀ni tí a fíbò sínú èsìn àti olùwádíí pẹ̀lú ìrántí àwọn orílẹ̀-èdè (nações) Ketu, Angola, àti Jeje. Nínú èrò yí, *escrivência* ni ohun tí ó gba laàyè láti fojú inú wo ara gégé bí agbègbè imò, níbi tí ìrírí tí a gbé rí àti ètò-ìsìn tí di orísun tòótó tí *isê-ìṣẹ̀dà sáyẹ̀nsì*, nípa rírúfin pẹ̀lú ìjinnà tító tí ilé-ẹ̀kọ̀ gíga àṣà. Ìpínlẹ̀ ọ̀nà-ìwádíí náà dá lórí ohun tí mo pè ní “Ìwópò ìrìn”, ọ̀nà àwòrán fúnni tí ó n ṣiṣẹ̀ lábẹ̀ àwọn àṣẹ Ọ̀gún (atúnṣe *isê-ẹ̀ni* àti *alápẹ̀rẹ̀*) àti Ọ̀ṣùmàrẹ̀ (*ìyípadà* àti *ìsùnkì imò*). Ọ̀nà yí ngba laàyè láti wó àwọn itàn tí ó dálórí ilẹ̀ Yúróòpù lulẹ̀ àti lati gbé ìpilẹ̀ èsìn yọ gégé bí imò-èrọ imò, nípa ṣiṣe ìdájọ̀ òdodo *epistêmica* tí ó ọ̀ndandan fún Imò Sáyẹ̀nsì Àwùjọ. Ní àárín ìwádíí náà, mo tẹ̀nu mó àwọn aṣáájú tí wón sọ ibi mímọ̀ di agbègbè ní agbègbè náà: Baba Oba Minan, ẹ̀ni tí ó dá ilé Candomblé Ketu àkókó sílẹ̀ ní Ribeirão Preto ní oḁún 1973, nípa títẹ̀ ẹ̀sẹ̀-àkókó tí jíogírafí yí; Ìyá Neide, matriarka tí orílẹ̀-èdè Jeje àti olùṣètò ọ̀sẹ̀lú pàtàkì; Baba Galetti, ènìyàn pàtàkì tí orísun Bantu-Angola; àti Ìyá Dalva, ẹ̀ni tí ogbó àti wíwà rẹ̀ jẹ̀ àwọn ọ̀wọ̀n tí nẹ̀tíwọ̀kì itilẹ̀yìn tí àwọn àṣà orísun Áfíríkà. Mo ṣètò ìpínlẹ̀ ìwé yí sí abala mẹ́rin: àkókó sọ̀rọ̀ nípa bí ìwádíí náà ṣe bèrẹ̀ nípasẹ̀ *escrivência*, ní dídánilójú pé ara jẹ̀ ibi tí a tí kọ ìrántí àwọn baba-ínlá; ẹ̀kejì n sọ̀rọ̀ nípa àwọn aáyan agbára nínú títójú ìrántí àti ètò sí itàn nípa ohun mímọ̀; ẹ̀kẹta ṣe àlàyé nípa àwọn itàn ìgbésí-ayé àwọn aṣáájú àti bí wón ṣe gbin gbòngbò mó ilẹ̀ Ribeirão Preto; àti, ẹ̀kerin n ṣàṣàwò òmìnira *isê-ẹ̀ni* àti *diplomacy* láàárín àwọn orílẹ̀-èdè (nações). Nínú àwọn àròjinlẹ̀ ìparí, tí a pe àkólẹ̀ rẹ̀ ní “Láti pàdẹ̀ sí ìgbín”, mo parí rẹ̀ sí pé Candomblé tí agbègbè náà tí gba òmìnira ìpínlẹ̀. Ìṣíkiri láti pàdẹ̀ (*ìṣíwájú*) sí ìgbín (*ìbùsùn* àti *ìmúgbòrò dídùn*) n fihàn pé ìrántí àti ara tí a yípadà nípasẹ̀ ètò-ìsìn tí sọ Ribeirão Preto di ibi tí ó dádúró tí àtakò sí ẹ̀lẹ̀yàmẹ̀yà èsìn.

Àwọn Ọ̀rọ̀-Kókó: candomblé; *escrivência*; contra-geografias do axé; memória; Ribeirão Preto.

RIASSUNTO

GAIA, R. S. P. **L'intrecciare dei cammini:** contro-geografie dell'*axé* e il consolidamento dei *candomblé* a Ribeirão Preto - SP. 2026. 180 p. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze Sociali) – Facoltà di Scienze e Lettere, Università Statale Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2026.

In questa tesi, si indaga il processo di implementazione e consolidamento dei *candomblé* a Ribeirão Preto (SP), analizzando le modalità attraverso cui le comunità di *terreiro* hanno istituito contro-geografie dell'*axé* in un territorio segnato dall'egemonia dell'agrobusiness e del conservatorismo. La ricerca muove dalla premessa che il *terreiro* sovverta la logica urbana coloniale, trasmutando lo spazio fisico in un territorio politico di ri-esistenza. Si impiega l'*escrevivência* (EVARISTO, 2007) quale categoria centrale e come posizionamento etico, convergendo la traiettoria dell'autore, iniziato e ricercatore, con la memoria delle nazioni Ketu, Angola e Jeje. In tale prospettiva, l'*escrevivência* permette di concepire il corpo come territorio di sapere, dove l'esperienza vissuta e il rito divengono fonti legittime di produzione scientifica, rompendo con il distanziamento neutrale dell'accademia tradizionale. Il fondamento metodologico si articola in ciò che viene definito *trançar de ferro*, un metodo incantato che opera sotto la reggenza di *Ògún* (il rigore della tecnica e della forgia) e di *Ọ̀ṣùmàrè* (la sinuosità e la trasmutazione del sapere). Tale metodo consente di decostruire le narrazioni eurocentriche e mettere in evidenza il fondamento religioso come tecnologia di conoscenza, attuando una giustizia epistemica necessaria nell'ambito delle Scienze Sociali. Al fulcro dell'indagine, si pongono in rilievo le figure apicali che hanno territorializzato il sacro nella regione: *Pai Oba Minan*, che nel 1973 fondò la prima casa di *candomblé* Ketu a Ribeirão Preto, istituendo il punto zero di tale geografia; *Mãe Neide*, matriarca della nazione Jeje e coordinatrice politica essenziale; *Pai Galetti*, figura centrale della matrice Bantu-Angola; e *Mãe Dalva*, la cui anzianità e presenza costituiscono pilastri della rete di sostentamento delle tradizioni di matrice africana. La struttura della tesi è organizzata in quattro capitoli: il primo definisce la genesi della ricerca attraverso l'*escrevivência*, riaffermando il corpo come luogo di iscrizione dell'ancestralità; il secondo esamina le dispute di potere nella documentazione della memoria e il diritto alla narrazione sul sacro; il terzo analizza nel dettaglio le traiettorie biografiche dei leader e il radicamento nel suolo di Ribeirão Preto; infine, il quarto capitolo approfondisce l'autonomia tecnica e la diplomazia tra le nazioni. Nelle considerazioni finali, intitolate “Dal *pàdè* all' *ìgbín*”, si conclude che il *candomblé* locale ha conquistato un'indipendenza di fondamento. Il movimento dal *pàdè* (apertura) all' *ìgbín* (insediamento e lentezza fertile) dimostra che la memoria e il corpo trasmutato dal rito hanno consolidato Ribeirão Preto come un centro autonomo di resistenza contro il razzismo religioso.

Parole chiave: *candomblé*; *escrevivência*; contro-geografie dell'*axé*; memoria; Ribeirão Preto.

ABSTRACT

GAIA, R. S. P. **Weaving the paths:** counter-geographies of axé and the consolidation of Candomblés in Ribeirão Preto - SP. 2026. 180 p. Thesis (Doctorate in Social Sciences) – College of Letters and Sciences, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2026.

In this thesis, I investigate the process of implementation and consolidation of candomblés in Ribeirão Preto - SP, analyzing how *terreiro* communities established counter-geographies of *axé* in a territory marked by the hegemony of agribusiness and conservatism. The research is based on the premise that the *terreiro* subverts colonial urban logic, transforming physical space into a political territory of re-existence. I utilize *escrevivência* (EVARISTO, 2007) as a central category and ethical positioning, merging my trajectory as an initiate and researcher with the memory of the Ketu, Angola, and Jeje nations. In this perspective, *escrevivência* allows for conceiving the body as a territory of knowledge, where lived experience and ritual become legitimate sources of scientific production, breaking away from the neutral detachment of traditional academia. The methodological foundation rests on what I term *trançar de ferro*, an enchanted method operating under the regencies of *Ògún* (the rigor of technique and the forge) and *Òṣùmàrè* (the sinuosity and transmutation of knowledge). This method allows for the deconstruction of Eurocentric narratives and to evidence the religious *fundamento* (foundation) as a technology of knowledge, operating an epistemic justice necessary for the Social Sciences. At the core of the investigation, I highlight the leaders who territorialized the sacred in the region: Pai Oba Minan, who in 1973 founded the first Candomblé Ketu house in Ribeirão Preto, establishing the “ground zero” of this geography; Mãe Neide, a matriarch of the Jeje nation and an essential political articulator; Pai Galetti, a central figure of the Bantu-Angola matrix; and Mãe Dalva, whose seniority and presence are pillars of the support network for African-matrix traditions. I organize the structure of the thesis into four chapters: the first establishes the birth of the research through *escrevivência*, reaffirming the body as a place for the inscription of ancestry; the second discusses power disputes in the documentation of memory and the right to narrative over the sacred; the third details the biographical trajectories of the leadership and the settling of roots in Ribeirão Preto soil; and the fourth analyzes technical autonomy and diplomacy between the nations. In the final considerations, titled “From *pàdé* to *ìgbín*”, I conclude that local candomblé has achieved an independence of foundation. The movement from *pàdé* (opening) to *ìgbín* (settlement and fertile slowness) demonstrates that memory and the body transmuted by ritual have consolidated Ribeirão Preto as an autonomous center of resistance against religious racism.

Keywords: candomblé; *escrevivência*; counter-geographies of axé; memory; Ribeirão Preto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro da minha iniciação no candomblé no Ile Axé Omo Omolu, em 14. jan. 2012	29
Figura 2 - Registro da minha iniciação no candomblé, saída do <i>orúkò</i>	30
Figura 3 - Registro da minha iniciação no candomblé, saída do rum	31
Figura 4 - Registro do meu <i>Odun Meje</i> no <i>Ilé Asé Oya Gambele</i>	32
Figura 5 - Registro da iniciação de minha primeira <i>yawo</i> e 1 (um) ano de <i>Dan Ìbídayò</i>	33
Figura 6 - Pai Oba Minan	73
Figura 7 – Pai Oba Minan ao lado de seu babalorixá, Pai Ominada	73
Figura 8 – Mãe Neide conduzindo Xangô de Pai Oba Minan em obrigação do Otun Alabê Eduardo de Ode	75
Figura 9 - Vista do Ile Axé Oba Minan no bairro Ipiranga, Ribeirão Preto/SP, em 2020	76
Figura 10 – Placa de reconhecimento da <i>Egbe Omo Oloju Oba</i> como Patrimônio Imaterial Inventariado do Município de Uberaba - MG	78
Figura 11 - Pai Oba Minan e eu na Egbe Oloju Oba, em Uberaba - MG	81
Figura 12 - Caboclo Peri de Pai Oba Minan, regente da transição ritual no Ile Axé Oba Minan	83
Figura 13 - Mãe Neide	86
Figura 14 - Registro de entrevista com Mãe Neide	89
Figura 15 - Pai Paulo	91
Figura 16 - Tata Katurazambi	95
Figura 17 - Pai Galetti recebendo, em seu terreiro, seu <i>deká</i> pelas mãos de Tata Katurazambi	96
Figura 18 - Mutalambô de Pai Galetti em cerimônia de recebimento de <i>deká</i>	98
Figura 19 - Pai Galetti conduzindo muzenza em sua saída ritual, em 16 mar. 2024	99
Figura 20 - Festa de iniciação de muzenza de Mikaia, em 2024	100
Figura 21 - Ritual de revelação da <i>dijina</i> sob a escolha de Pai Galetti, em 16 mar. 2024	101
Figura 22 - Pai Galetti em performance ritual com o nkisi Mutalambô de Kibukokitalandê, em 16 mar. 2014	102
Figura 23 - Registro da iniciação de Mãe Dalva de Ndandalunda pelas mãos de Tata Katurazambi, em 1984	105
Figura 24 - Mãe Dalva de Ndandalunda (<i>Leuánenguamaze</i>), em 2026	106
Figura 25. Pai Katugingiongongo e suas filhas, makotas Nileajô e Katuingenoíá	108
Figura 26 - Caboclo Peri de Pai Oba Minan	111
Figura 27 - Local sagrado de culto ao Caboclo Peri na Egbe Omo Oloju Oba	112
Figura 28 – Caboclo Flecha de Pai Galetti	113
Figura 29 - Caboclo Sultão das Matas, de Mãe Dalva	114
Figura 30. Caboclo Gentileiro, de Bàbá Ìgbín Aládé	116
Figura 31 - Ogan Teto de Jagun ao lado de Xango de Pai Oba Minan	117

Figura 32 - Ekedji Vilma de Oyá	118
Figura 33 - Afoxé Omo Orunmilá nas ruas de Ribeirão Preto	123
Figura 34 - Pai Toninho (Obananji)	125
Figura 35 - Minha avó, Odete, desfilando pelo GRES Bambas	129
Figura 36 - Eu e meus irmãos em dia de desfile do GRES Bambas	130
Figura 37 - Convite oficial de divulgação da Sessão Solene nas plataformas digitais	156
Figura 38 - Mesa Diretiva da Sessão Solene - Àgbá	158
Figura 39 - Pai Oba Minan recebendo o certificado de reconhecimento à trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal pela consolidação dos candomblés no município	159
Figura 40 - Mãe Neide com o certificado de reconhecimento à trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal pela consolidação dos candomblés no município	160
Figura 41 - Pai Galetti segurando o certificado e puxando uma cantiga para saudar os presentes	161
Figura 42 - Mãe Dalva na tribuna de honra com o certificado de reconhecimento à trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal pela consolidação dos candomblés no município	162
Figura 43 - Familiares de Pai Paulo Ifatide recebendo o certificado outorgado <i>in memoriam</i> ao ogan e Bàbá Ifa, em reconhecimento à sua trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal pela consolidação dos candomblés no município	163
Figura 44 - Bàbá Roger de Logun-Ede recebendo o certificado outorgado <i>in memoriam</i> a Pai Toninho (Obananji), em reconhecimento à trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal deste último pela consolidação dos candomblés no município	164
Figura 45 - Familiares e sucessores de Pai Katugingiongongo recebendo o certificado outorgado <i>in memoriam</i> ao Tata, em reconhecimento à sua trajetória, dedicação e contribuição histórica municipal pela consolidação dos candomblés no município	165
Figura 46 - Vista panorâmica do auditório do Centro Cultural Palace a partir da mesa diretiva durante a Sessão Solene - Àgbá	166
Figura 47 - Registro da expressiva mobilização e a ocupação coletiva dos povos de terreiro e sociedade civil no espaço institucional de Ribeirão Preto	167
Figura 48 - Perspectiva complementar da assembleia popular constituída no Palace	168

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Matriz de sistematização: capítulos, objetivos específicos e eixos</i>	44
Tabela 2. <i>Caracterização dos interlocutores e matrizes ancestrais dos candomblés em Ribeirão Preto</i>	45

Sumário

Prólogo – A encruzilhada de onde escrevo.....	19
<i>Pàdé</i> epistemológico: o lançamento do primeiro fio.....	21
Capítulo 1. <i>Ọjó ibí</i>, sobre o trançar do nascimento	25
1.1. Cortejo <i>funfun</i> – a escrevivência como ponto de partida	26
1.2. O ato de trançar: vivência, teoria e a escrita em espiral.....	35
1.3. A trama e a lâmina: método encantado na escrita de nós	37
1.3.1. <i>Ògún yè!</i> , senhor dos caminhos: o rigor da forja e a tecnologia da lâmina.....	39
1.3.2. <i>Àróbòboyí!</i> : sinuosidade e transmutação do saber	41
1.4. A operacionalização da trança: dispositivos de produção e análise de dados	42
1.5. O encontro com os precursores.....	44
Capítulo 2. Discurso, poder e hegemonia: a quem é permitido documentar a memória nos candomblés?.....	47
2.1. Linguagem como instrumento de poder e alienação	48
2.2. A retórica como ferramenta de preservação da memória e identidade nos candomblés .	52
2.2.1. <i>O lixo vai falar, e numa boa!</i>	55
2.2.2. <i>Cumé que a gente fica?</i>	57
2.3. Identidade, memória e o poder no candomblé.....	59
2.4. A territorialização da memória	61
Capítulo 3. As contra-geografias do axé: o trânsito e a fixação em Ribeirão Preto	67
3.1. A contra-geografia do axé: autoridade ancestral e resistência na Capital do Agronegócio..	68
3.2. Pai Oba Minan: a realeza de Xangô e a territorialização Ketu no “mato” do Ipiranga	72
3.2.1. O plantio do axé em solo de café: a estratégia de transição e a diplomacia do caboclo Peri	81
3.3. Mãe Neide: a matriarca do Jeje e a senioridade feminina em Ribeirão Preto	85
3.3.1. De Ogan Paulo de Logun-Ede a Bábá Paulo Ifatide: a transmutação do culto e o legado do “Pensar Africanamente”	90
3.4. Escrevivências do Angola: memória e identidade em uma raiz compartilhada.....	93
3.4.1. Pai Galetti e a regência do saber iniciado: contra-geografias da antiguidade e a afirmação Bantu-Angola.....	95
3.4.2. Mãe Dalva e a matriarcalidade Bantu-Angola: corporeidade, cura e territorialidade no Ipiranga	102

Capítulo 4. A teia da continuidade: autonomia, resistência e a consolidação das nações em Ribeirão Preto.....	109
4.1. <i>Caboclo, guerreiro, tu és a nação do Brasil: a reengenharia da contra-geografia do axé em Ribeirão Preto.....</i>	110
4.2. O plantio das linhagens e a independência de fundamento	116
4.3. Mãe Neide e Pai Paulo: escrevivência, militância e as tramas da ancestralidade em Ribeirão Preto	121
4.4. A ausência-presença de Pai Obananji e a consagração da memória no Jeje ribeirão-pretano	124
4.5. A política do cuidado e a consolidação das nações: entre o barracão e o Estado	126
4.6. O segredo como tecnologia de trançado: o que se mostra e o que se guarda.....	131
4.7. A exterioridade e a consagração do chão: diálogos entre nações e gerações	134
 Do <i>pàdé</i> ao <i>ìgbín</i> , o arremate da trança: sobre a continuidade do axé e a síntese das contra-geografias	137
 Referências.....	141
 Glossário.....	151
 Epílogo – O retorno à raiz: devolução do saber ao território	155
 Apêndice A – Roteiro de Entrevista.....	171
Apêndice B – Modelo de convite enviado às lideranças em atividade	173
Apêndice C – Modelo de convite enviado às famílias e sucessores das lideranças póstumas	174
 Anexo A – Projeto de Resolução nº 10/2026	175
Anexo B – Projeto de Resolução nº 10/2026 (substitutivo n. 1)	177
Anexo C – Relatório de Votação do Projeto de Resolução nº 10/2026 na CMRP	179
Anexo D – Resolução nº 7/2026 da Câmara Municipal de Ribeirão Preto	180

Prólogo – A encruzilhada de onde escrevo

*Foram me chamar (...)
Eu estou aqui, o que é que há?*

*Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho.
(Dona Ivone Lara, Alguém me avisou)*

Antes que a primeira letra fosse grafada neste papel, o chão de Ribeirão Preto já havia sido devidamente saudado. Escrever sobre os candomblés¹ nesta cidade, para um filho de Oxalá que traz consigo o ímpeto de Xangô e o colo de Iemanjá, não é um ato de distanciamento acadêmico, mas um rito de presença. Situo-me na encruzilhada: o ponto exato em que a minha vida, forjada nesta terra vermelha², se funde ao meu percurso como iniciado, pesquisador e militante.

Eu nasci aqui. Meu axé está plantado neste solo e é a partir desta raiz que apresento a *trança de ferro*: um método encantado, firme e resistente como ferro entrelaçado, que mobilizo para trançar memórias. Minha escrita brota deste chão que, embora historicamente marcado pela tentativa de exclusão dos corpos negros e pela rejeição às nossas práticas afrorreligiosas, foi fecundado por mãos ancestrais que não se vergaram. Reverencio a semente de Pai Obá Minan (de *Xangô*), que utilizou a estratégia de abrir o caminho com o Caboclo Peri para fazer brotar o Ketu e o candomblé de caboclo nestas paragens. Saúdo a firmeza e os saberes de Pai Galetti (de *Mutalambô*) e de Mãe Dalva (de *Ndandalunda*), que compartilham a ancestralidade do candomblé Angola. Reverencio, com especial distinção, o fortalecimento do Jeje por meio de Mãe Neide (de *Oyá*), cuja vida é marcada pela necessária militância política e cultural em prol das populações negras, como a minha³.

Neste cenário de disputas simbólicas e territoriais pelo direito à existência negra, a trança de ferro é a estrutura que une estas nações, as memórias e a resistência. É o que amarra o fundamento à terra com uma força que o capital e o racismo não podem cortar. O que

¹ Opto, ao longo desta tese, pela grafia da palavra “candomblé” (e seus plurais) em letras minúsculas como uma escolha metodológica e político-epistemológica consciente. Ao me afastar da visão eurocêntrica do termo *religare*, que baliza o conceito tradicional de Religião (com inicial maiúscula) a partir de moldes ocidentais e cristãos, busco compreender o candomblé a partir da própria cosmovisão, vivência e configuração dos povos de terreiro. Alinho-me à perspectiva de Sodré (2002a), que aponta como os modelos euro-cristãos falham em capturar a complexidade das matrizes africanas, as quais funcionam como uma estrutura civilizatória e territorial, e não meramente institucional. Defendo que, nestes territórios, a prática não se encerra em uma instituição dogmática formal, mas tece-se como experiência comunitária, cotidiana e corporal indissociável da vida. Assim, o uso da minúscula demarca minha recusa à universalização colonial do conceito de religião, localizando o candomblé em sua imanência e agência próprias.

² Sobre a formação geológica e o valor simbólico da “terra vermelha” em Ribeirão Preto, ver Capítulo 3 desta tese.

³ Para uma análise dos dados demográficos da população negra em Ribeirão Preto, ver item 3.1. desta tese.

apresento nestas páginas é a contra-geografia do axé: uma cartografia em que a mera existência e a luta destes territórios sagrados já demonstram a nossa soberania. Não se trata apenas do terreiro plantado no bairro, mas da vida que pulsa nele, reencantando a cidade e erguendo uma fortaleza de dignidade que a branquitude e o agronegócio não conseguiram mapear nem apagar.

Peço licença ao senhor do pano branco, Oxalá, para que a minha visão sobre este território seja límpida e serena. Evoco a balança de Xangô para que essa escrita faça justiça histórica aos que fizeram da militância e da continuidade o nosso maior triunfo, e mergulho nas águas de minha mãe, Iemanjá, para resgatar as memórias subterrâneas que sustentam a nossa existência.

Este prólogo é o meu despacho de caminhos, uma oferenda simbólica e ritual para abrir possibilidades e remover obstáculos. Na encruzilhada destas páginas, o saber do terreiro afirma-se como ciência viva e como braço político, forjado na *trança de ferro*.

O caminho está aberto.

Referências

- ADERONMU, K. O. A. **A sociedade Ogboni e a sua conexão com a tradição de Ifá**. São Paulo: Editora Ananse, 2021.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma única história**. Trad. Julia Romeo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBUQUERQUE, W. R. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALMEIDA, S. R. G. Prefácio: apresentando Spivak. In: SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. p. 7-21.
- ARAÚJO, A. E. **Peço licença às minhas mais velhas: mulheres negras, agência política e ancestralidade**, em São Paulo. 2021. 162p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, São Paulo.
- ARAÚJO, P. C. **A mesa das autoridades: o comer e o poder no candomblé**. Curitiba: Appris, 2021.
- ARAÚJO, P. C. *Awo Òrìsà: o segredo ritual como fonte do poder dos ègbónmi*. **Revista Nures**, n. 22, p. 1-23, 2012.
- ARAÚJO, P. C. Desafios da antropologia contemporânea: elementos para se pensar o antropólogo *insider* no campo da antropologia das populações afro-brasileiras. In: CLEMENTE, C. C.; SILVA, J. C. G. (Orgs.). **Culturas negras e ciências sociais no século XXI: perspectivas afrocentradas**. Uberlândia: EDUFU, 2018b. p. 11-68.
- ARAÚJO, P. C. **Segredos do Poder: hierarquia e autoridade no Candomblé**. São Paulo: Arché, 2018a.
- ASANTE, M. K. **Afrocentricity**. Trenton, NJ: Africa World Press, 1987.
- AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 267p.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- BAIRRÃO, J. F. M. H.; LEME, F. R. Mestres Bantos da Alta Mogiana: tradição e memória da Umbanda em Ribeirão Preto. **Memorandum**, v. 4, p. 05-32, 2003.
- BAIRRÃO, J. F. M. H.; ROTTA, R. R. Mulheres médiuns e caboclas espirituais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p. 169-177, 2010.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia (Rito Nagô)**. Trad. Maria I. P. Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. (Original Publicado em 1958).

BENISTE, J. **O jogo de búzios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. Trad. Paula Montero. São Paulo: Edusp, v. 116, 1996.

BRAGA, J. **Na gamela do feitiço: repressão e invenção do candomblé**. Salvador: EDUFBA, 1995.

BRANT CARVALHO, J. B. **Religião e Memória Social Afro-Brasileira em Ribeirão Preto**. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners**. London: Sage, 2013.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Audiência na Câmara debateu racismo e intolerância religiosa**. Ribeirão Preto, 2023. Disponível em: <<https://www.camararibeiraopreto.sp.gov.br/noticias/node/audiencia-camara-debateu-racismo-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

CANAL PRETO. **Violência contra as religiões Afro**. Youtube, 05 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SGfolF4OvPU>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPONE, S. **A busca da África no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CARVALHO, A. B. **O discurso na encruzilhada**: análise de discurso crítica interseccional. 2024. 221f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

CARVALHO, H. População em favelas cresce 68% em Ribeirão Preto, diz IBGE; 71,5% do total são pretos ou pardos. **G1 Ribeirão e Franca**, 08 nov. 2024.

CASTILLO, L. E. Bamboxê Obitikô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afroatlântica. **Tempo**, Niterói, v. 22, n. 39, p. 126-153, jan./abr. 2016.

CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CORRÊA, N. F. **Sob o signo da ameaça**: conflito, poder e feitiço nas religiões afro-brasileiras. 1998. 292f. Tese (Doutorado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP.

COSTA, H. S. P. **Terreiro Tumbenci**: um patrimônio afrobrasileiro em museu digital. 2018. 324f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.

CUNHA JÚNIOR, H.; QUEIROZ, E. G. Terreiro de Candomblé no bairro do Jabaquara na cidade de São Paulo - a dificuldade da impressão da marca africana na cidade. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 1, p. 315–332, 2024.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Renato J. Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DIOP, C. A. **A Unidade Cultural da África Negra**: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Trad. Japhette O. Lantonkpode e Wanessa A. S. P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2023.

DIOP, C. A. **Nations nègres et culture**. Paris: Présence Africaine, 1954.

DIOP, C. A. **Civilization or Barbarism**: an authentic anthropology. Translated by French by Yaa-Lengi Meema Ngemi. Lawrence Hill Books, 1991.

DOVE, N. African Womanism: An Afrocentric **Theory**. **Journal of Black Studies**, v. 28, n. 5, p. 515-539, 1998.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 5. ed. rev. e ampl. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasília, DF: Embrapa, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p.16-21.

FALOLA, T. **O poder das culturas africanas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Trad. Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FLAUZINA, A. L. P. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade de Brasília, Brasília/DF.

FLICK, U. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Trad. Roberto C. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Corporalidades em abertura: os candomblés e percursos da resistência incorporada. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 25, p. 78-87, 2020.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Sobre os candomblés como modo de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. **Ensaio Filosóficos**, v. XIII, p. 153-170, 2016.

FONSECA, D. J. **Antropologia Brasileira**: seus conceitos e a dinâmica sociocultural nacional. 2014. Artigo-tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara/SP.

FONSECA, D. J. O fazer científico e o conhecimento africano: pistas e esboços - um breve diálogo, mas necessário. **Revista da ABPN**, v. 13. n.36. p. 07-31, 2021.

FONSECA, D. J. O racismo semântico-simbólico-cognitivo: “ciência” que fere e mata. In: FONSECA, D. J. (org.). **Racismos**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2023. p. 37-57.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós socialista. In: SOUZA, J. (org.). **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREITAS, F. S. **Racismo e Política**: uma discussão sobre mandato policial. 2020. 263p. Tese (Doutorado em Direito). Universidade de Brasília, Brasília/DF.

G1 RIBEIRÃO E FRANCA. **Dona de centro de umbanda se diz vítima de intolerância após ataque com bomba e agressão em SP**. 08 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/02/08/dona-de-centro-de-umbanda-se-diz-vitima-de-intolerancia-apos-ataque-com-bomba-e-agressao-em-sp.ghml>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

G1 RIBEIRÃO E FRANCA. **Faxineiro diz ser vítima de intolerância religiosa após pichações em banheiro de universidade em Ribeirão Preto**. 16 mar. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/03/16/faxineiro-diz-ser-vitima->

de-intolerancia-religiosa-apos-pichacoes-em-banheiro-de-universidade-em-ribeirao-preto.ghml>. Acesso em: 07 fev. 2026.

GAIA, R. S. P. Ancestralidade, comensalidade e equilíbrio dos corpos: a festa do *Olúbàje* em um terreiro de candomblé Ketu. In: ARAÚJO, P. C.; GAIA, R. S. P. (Orgs.). **Religiões e culturas alimentares**: do cuidado ao controle dos corpos. Florianópolis: Fogo Editorial, 2023. p. 234-246.

GAIA, R. S. P. **Mulheres transexuais no Candomblé Ketu em Ribeirão Preto-SP**: costuras identitárias na interface com a saúde mental. 2021. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

GAIA, R. S. P.; BOLLETTIN, P. Umbanda, Candomblé and Christianity between (dis)tensions: intolerance and religious racism in the actions of Bonde de Jesus. **Sacra**, v. 23, n. 2, p. 35-51, 2025.

GAIA, R. S. P.; SCORSOLINI-COMIN, F. Candomblé Ketu e o sincretismo religioso no Brasil: perspectivas sobre as representações de Òṣàlá na diáspora. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-21, 2020.

GAIA, R. S. P.; SCORSOLINI-COMIN, F.; ARAÚJO, P. C. ENTRE OS SABERES E O SEGREDO: NARRATIVAS INSIDERS SOBRE SER DO SANTO E PESQUISAR OS CANDOMBLÉS. **Revista ABPN**, v. 14, n. 39, p. 411-433, 2022.

GAIA, R. S. P.; VITÓRIA, A. S. *ORIXÁS, NKISES E VODUNS*: AS NOMENCLATURAS E ETNIAS DOS SAGRADOS NOS CANDOMBLÉS KETU, BANTU E JEJE. **Revista Calundu**, v. 5, n. 1, p. 45-63, 2021.

GAIA, R. S. P.; VITÓRIA, A. S.; ROQUE, A. T. **Candomblé no Brasil**: resistência negra na diáspora africana. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

GAIA, R. S. P.; ZACARIAS, L. S. O FATOR RAÇA NA VIOLÊNCIA POLICIAL COTIDIANA: um debate necessário. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, v. 3, n. 6, nov. 2020.

GILROY, P. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Modeira. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GONÇALVES, J. R. S. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, v. 10, p. 83-92, 2007.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. (org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1999. v. 1.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 2.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Trad. Luiz S. Henriques, Marco A. Nogueira; Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Introduction: Who needs “identity”? In: HALL, S.; GAY, P. (Orgs.). **Questions of cultural identity**. London: Sage Publications, 1997. p. 1-17.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Trad. Patrick Burglin. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUOERJ, 2005.

HEGEL, G. W. F. The Philosophy of History. Batoche Books: Kitchener, 2001. (Original published 1892)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: favelas e comunidades urbanas: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Routledge, 2011.

JAMES, G. G. M. **Legado roubado: A filosofia grega é a filosofia egípcia roubada**. Tradução de Wanessa A. S. P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

JANNUZZI, P. M. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista**. Campinas: Autores Associados, 2000.

JOAQUIM, M. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. São Paulo: Pallas, 2001.

KI-ZERBO, J. **História Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

KILEURY, O.; OXAGUIÃ, V. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIMA, V. C. **A família de santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrupais. 2. ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LIMA, V. C. O candomblé da Bahia na década de 1930. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 201-221, 2004.

LODY, R. **Santo também come**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

M'BOW, A. M. Prefácio. In: KI-ZERBO, J. (org.). **História Geral da África**, v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXI-XXVI.

MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, L. M. PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. **Letras**, n. 26, p. 63–81, 2003.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MERCÊS, G. B. **Mulheres negras de axé**: as Iabas de/em Salvador. 2022. 195p. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, São Paulo.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. Trad. Ary França e Raul A. Silva. São Paulo: Hucitec, 1998.

MUDIMBE, V. Y. **A ideia da África**. São Paulo: Todavia, 2022.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção da África**: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Trad. Fabio Ribeiro. São Paulo: Vozes, 2019. E-book.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. **O negro visto por ele mesmo**: ensaios, entrevistas e prosa. Organizado por Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**. Org. Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, B. Textos e narração de Ôrí. In: GERBER, Raquel. **Ôrí**. 1989.

OBA MINAN. Sobre nós. **Comunidade Afro-Descendente Egbe Omó Olojú Obá**, Uberaba, 28 de dezembro de 2003. 2003. Disponível em: <<https://oba-minan.webnode.com/sobre-nos/>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

OLIVA, A. R. A Invenção da África no Brasil: os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros dos séculos XIX e XX. **Revista África e Africanidades**, v. I, n. 4, fev. 2009.

OLIVEIRA, P. C. P. **Contos e crônicas do mestre Tolomi: África viva no Brasil**. Ribeirão Preto: Edição do autor, 2011.

OLUWOLE, S. B. **Socrates and Òrúnmilà**. London: Ark Publishers, 2017.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. (Original publicado em 1997).

OYĚWÙMÍ, O. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. In: OYĚWÙMÍ, O. **What Gender is Motherhood?** Changing yourùbá ideals of power, procreation and identity in the age of modernity. New York: Palgrave Macmillan, 2016. p. 57-92.

PCdoB. **Leci Brandão exige apuração a ataque contra terreiro em Ribeirão Preto**. 19 out. 2021. Disponível em: <<https://pcdob.org.br/noticias/leci-brandao-exige-apuracao-a-ataque-contra-terreiro-em-ribeirao-preto/>>. Acesso em: 07 fev. 2026.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto.Urbe (USP)**, v. 2, 2008.

PEREIRA, M. I. C. **Linguagem do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades, centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros cultos de raiz afrobrasileiros**. Ituiutaba: Barlavento, 2014.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRANDI, R. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Editora HUCITEC, 1991.

PRANDI, R. **Oxumarê, o arco-íris**: mais histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

PRANDI, R.; VALLADO, A.; SOUZA, A. R. Candomblé de caboclo em São Paulo. In: PRANDI, R. (org.). **Encantaria Brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RIBEIRÃO PRETO. **Lei Municipal nº 10.927, de 15 de setembro de 2006**. Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do Afoxé Omo Orunmilá na abertura oficial dos festejos carnavalescos na passarela Oscar Cardoso da Silva e dá outras providências. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 2006.

RIBEIRÃO PRETO. **Lei n. 15.042, de 10 de março de 2025**. Dispõe sobre a política Municipal “Mãe Neide Ribeiro” de proteção das culturas tradicionais, destinada a ampliação do acesso dos munícipes aos direitos culturais e salvaguarda das manifestações e dá outras providências. Ribeirão Preto: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, 2025.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel-FAPESP, 1997.

RIOS, F.; LIMA, M. Introdução. In: GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 6-18.

SÀLÁMÌ, S.; RIBEIRO, R. I. **Exu**: A ordem do universo. 2. ed. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SANSI, R. Miracles, Rituals, Heritage: the invention of nature in candomblé. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, v. 21, n. 1, p. 61-82, 2016.

SANSI, R. “Fazer o santo”: dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras. **Análise Social**, v. 44, n. 190, p. 139-160, 2009.

SANT’ANNA, C.; SILVA, I. S. Oxum e ekedis: a ancestralidade feminina negra dos terreiros refletido nas redes sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 227, p. 11-22, mar./abr. 2021.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, J. E. **Os nãgô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, M. S. A. Prefácio. In: VERGER, P. **Orixás**: deuses iorubás na África e no novo mundo. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018. 308p.

SILVA, A. C. **A Tradição Oral no Candomblé**. 2017. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Religiões e Religiosidades Afro-Brasileira: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

SILVA, D. S. Padê Epistêmico. In: **24º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**. Anais... São Paulo: Intercom, 2024. p. 1-5.

SILVA, F. M. As Raízes Históricas do Pajubá ou Bajubá: Encruzilhada Dialética das Mulheres Transexuais e Travestis que já foi usado como Linguajar Codificado e Instrumento de Resistência. **FONATRANS - Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros**, 22 mar. 2022.

SILVA, V. G. A questão do segredo no candomblé. **Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 69, p. 1-2, 2011.

SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, V. G. **O Antropólogo e sua Magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2000.

SLENES, R. “Malungu, ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil. **Revista USP**, n. 12, p. 48-67, 1992.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002b.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Salvador: Imago, 2002a. (Original publicado em 1988).

SODRÉ, M. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, S. L. **(Re)vivências negras: entre batuques, bailados e devoções: práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2007.

SOUZA, V. I. T. **O Ogan Otum Alabê: sacerdote e músico percussionista da Nação Ketu no Ilê Axé Jagun**. 2021. Dissertação (Mestrado em Música – Musicologia e Etnomusicologia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

T'ÒSÚN, B. M. **Irín Tité: ferramentas sagradas dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (org.). **História Geral da África, 1**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-166.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.